

Rita Lee interrompe a turnê e agita amanhã o Projeto Leste I. Página 5



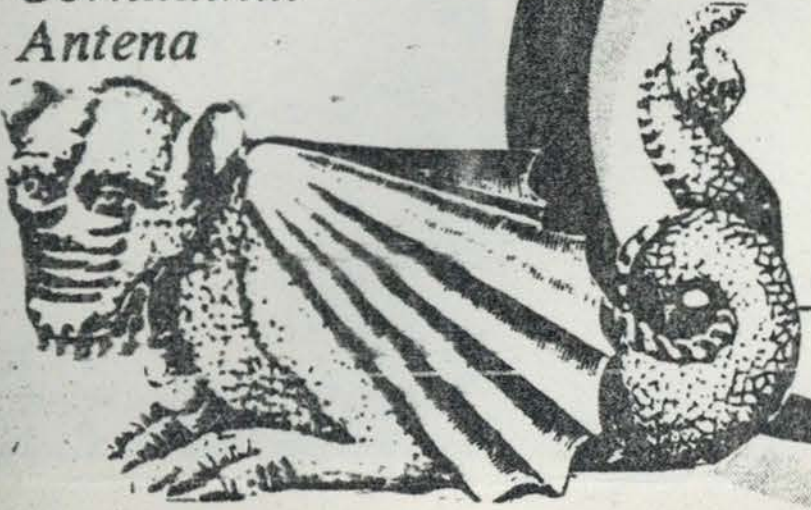
Rubem Braga fala da Amendoira, de Drummond, da Consolação. Carta

Marina, 31, signo de virgem, está lançando o seu oitavo LP: Virgem. Na página 3



A milenar poesia iugoslava quer ganhar o leitor brasileiro. Na página 3

As aventuras de Gundhwyfar e o dragão Moloc na Cornualha. Antena



O ESTADO DE S. PAULO

CADERNO 2

ANO II, NÚMERO 509, SEXTA-FEIRA 27 DE NOVEMBRO DE 1987

Posso ser tudo, menos contentinho

A entrevista com o escritor português José Cardoso Pires, marcada para a antevéspera da sua viagem ao Brasil — onde participa hoje da abertura da Feira do Livro Português e lança, dia 3, seu mais recente romance Alexandra Alpha —, começou com um atraso coerente com o seu universo ficcional. Isso porque a sua morada no Alvalade, entre frondosas árvores centenárias, está ao mesmo tempo escondida e exposta numa estranha rua-escadaria (ou seria o contrário?) numa Lisboa varrida, naquele dia, por uma chuva fina e gelados ventos vespertinos. E, finalmente, ao localizar o prédio de número sete onde vive o escritor, a impressão que se tem é de surpresa, e há mesmo quem jure que até poucos instantes aquela casa não estava lá.

J. C. Ismael
de Lisboa



José Cardoso Pires: "Se não inventarmos o país não cabemos nele"

Aqui, os vários fados dessa Feira

Mais uma Exposição/Feira do Livro Português acontece a partir de hoje, às 20h, no Centro Cultural São Paulo (rua Vergueiro, 1.000). Em sua sexta versão, a feira traz mais de 12.000 títulos de edições portuguesas — no ano passado vieram 10.000 —, que abordam os mais variados assuntos. Literatura, política, história, engenharia e esportes são alguns dos temas que estão à disposição do leitor. Uma pequena parte desses livros estará apenas em exposição, mas o Centro Cultural 25 de Abril, promotor do evento, compromete-se a passar todos os contatos necessários para que a pessoa interessada possa importar o livro desejado.

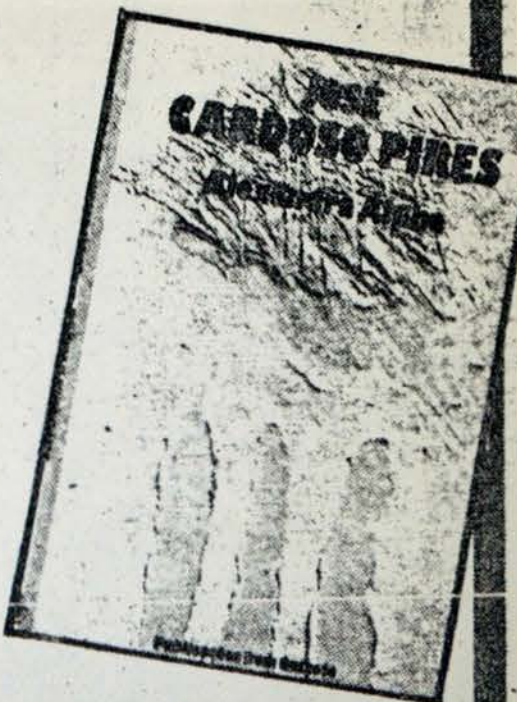
O ponto alto do evento será a presença do escritor José Cardoso Pires, que participa da abertura da feira, de mesa-redonda e lança seu mais recente romance, Alexandra Alpha. O escritor será ainda tema de uma conferência da professora Marlise Ambrogi, que no dia 30, às 20h, falará sobre Cardoso Pires e a Ficção Contemporânea.

A mesa-redonda, sob coordenação da professora Marlise Ambrogi está marcada para o dia 1º, às 20h, com tema a ser definido na hora. Além de José Cardoso Pires, participarão ainda Lygia Fagundes Telles e Ricardo Ramos. No dia 3, haverá uma noite de autógrafos com o escritor, que estará

lançando Alexandra Alpha com apenas algumas semanas de atraso em relação ao lançamento em Portugal.

Os eventos da Feira do Livro Português prosseguem no dia 5 com o lançamento do livro de poemas Presença, da brasileira Maria do Carmo Lobato. E, no dia 11, será a vez de Jacinto Rego de Almeida — português residente no Rio — lançar seu livro de contos As Palavras e os Atos. A Feira será ainda complementada por duas exposições. Da Aldeia à Metrôpole — 30 Anos de Imigração Portuguesa no Brasil — 1930-60, reunindo fotografias cedidas pela própria colônia lusa. A segunda mostra — Impressos Quinhentistas Portugueses — traz materiais cedidos pela Biblioteca Nacional do Rio e pelo Instituto Português do Livro.

A Exposição/Feira do Livro Português prossegue até o dia 20 de dezembro, com entrada franca para todas as atividades. Maiores informações podem ser obtidas no Centro Cultural 25 de Abril (Tel: 258-8790).



EDUARDO GAGEIRO

Caderno 2 — Depois de um silêncio de cinco anos, o senhor volta a discutir a identidade do seu país em Alexandra Alpha. O que há de novo nessa discussão obsessiva?

José Carlos Pires — É apenas a constatação, uma vez mais, de que todas as histórias estão cheias de falsas mitologias. Nesse livro procuro desmitificar a história portuguesa, com as suas falsas leituras. E o fiz não através de uma discussão política, mas de personagens vivas.

Os políticos portugueses certamente vão detestar o livro.

E, com razão, porque eles teocratizaram de tal modo a entidade povo que não gostam de vê-lo exposto a nenhum tipo de análise profana. Portugal é um país frustrado, e a grande preocupação dos seus políticos é negar isso, porque eles têm aquele otimismo eterno, que tão bem convém aos seus interesses.

Mas será que algum povo tem realmente uma identidade nacional?

Completamente, não. Em Portugal, porém, ela está estilhaçada. É fácil ver que tenho uma relação amor-ódio com o meu país, pois ela é visível nos conflitos dos meus personagens. Por isso, os temas de que trato sintetizam esse conflito. É o caso da maternidade, por exemplo. Para mim, ela pode ser vista de muitos ângulos: o aborto, a maternidade fantasma, mas independentemente de tudo, como tento mostrar em Alexandra Alpha, é o desejo que a mulher tem de

gerar uma identidade consigo mesma.

Que espécie de pátria o senhor procura ao escrever?

Respondo-lhe com uma frase, de que gosto muito, do escritor alemão Otto Strauss: "Escrevo para encontrar a pátria espiritual, porque a natural não existe". Mesmo porque o escritor está em dúvida permanente com a realidade em que vive, e a identidade só pode ser traçada a partir de comparações, como no jogo das personagens duplas Alexandra Alpha/Maria, o falso e o real se misturando.

O senhor chega, por isso, ao extremo requinte de não só dedicar Alexandra Alpha a pessoas reais e imaginárias, como a dar informações precisas, como se a personagem que dá nome ao livro tivesse realmente existido!

É assim que vejo meu país: o mito da fábula embaralhado com o mito da realidade. Um país que existe e não existe, e só agora, depois de dois séculos, se preocupa em descobrir o próprio rosto. Pretendo ajudá-lo nessa redescoberta.

Ainda bem que estão distantes os tempos em que o senhor escreveu O Anjo Ancorado: lá a personagem João dizia que quando um país não dá para agir, as pessoas, que remédio, contentam-se em pensar...

Trinta anos depois de eu haver escrito isso, fico satisfeito em ouvir dos presidentes Ramalho Eanes e Mario Soares que Portugal não tem mais escritores oficiais. O que felizmente tem é escritores insatisfeitos.

Escritores satisfeitos são inúteis. Mesmo como disse Santo Agostinho, por mais que o homem se inquiete caminhará sempre sobre sua sombra.

Seus livros são amarrados num cipoal de simbologia. O senhor não receia que ela dificulte, pelo menos para o leitor comum, a transmissão das suas idéias?

Cada romance é escrito pela pessoa que o lê e é mais rico quanto mais leituras tiver. Além disso, o escritor tem uma exagerada preocupação com a verdade, pensa numa obra perfeita, idéia que nenhum outro profissional tem. Essas múltiplas leituras significam a busca dessa verdade.

Às vezes é preciso inventá-la, não? Afinal, como diz a inquieta Alexandra Alpha, se não inventarmos o país não cabemos nele.

Essa é a frase-chave do livro. A cidade de Lisboa deixa, nele, de ser limitada. Passa a ser uma cidade de mitos, com muitas estátuas, uma cidade que perdeu o contorno real, inventada.

O seu público será também tão inquieto como o senhor?

Não sei. Para mim, o público é uma perspectiva extremamente abstrata. Jamais corri atrás dele, não conheço o seu rosto. Sei que ele existe pelo número de exemplares vendidos. Mas é claro que essa afirmação nada tem de desprezo e de anticomercial. Pelo contrário, não sei representar para o "respeitável público", pois isso é para mim uma grande falsidade.

As críticas que o senhor vem fazendo à Igreja traem o medo de que ela possa ser totalitária?

Claro que sim. Meus receios não são infundados: Portugal, é óbvio, está melhor depois do fascismo. Mas a Igreja caminha a passos largos para ter e exercer uma força brutal. Vai ganhar um canal de televisão, tem a imprensa regional nas mãos, quer ocupar a qualquer preço o ensino superior. E, se antes de 25 de Abril colaborava ostensivamente com Salazar, agora se adaptou ao mercado. Seu poder não é mais político, é econômico, mesmo porque a Igreja de esquerda foi sufocada: que sentido pode ter num regime democrático? A meu ver, a Igreja avança para um imperialismo de vários níveis, e isso deve ser evitado. Não saímos de um totalitarismo para entrar noutro.

Nem na chamada vida real, nem na ficcional, o senhor não vê a condição humana com oti nismo.

Eu sou otimista, mas não acredito no otimismo histórico. Acredito, isso sim, que só a contínua exigência e permanência dos contrastes interiores e exteriores sejam capazes de regenerar o homem. Só se pode viver através de contrastes que temos e com os que a sociedade impõe. Há um termo lisboeta de que gosto muito: o contentinho. É a pessoa satisfeita com a imagem que pratica, e para quem a vida é em linha reta, exatamente o contrário das minhas personagens. O contentinho, por desconhecer qualquer tipo de inconformismo, é uma pessoa desprezível.

J. C. Ismael é colaborador do Caderno 2



SPIRIT CONTINUA APRONTANDO NA ÚLTIMA PÁGINA ■